

Parque Nacional da Peneda-Gerês

O **Parque Nacional da Peneda-Gerês** (PNPG) integra a Rede Nacional de Áreas Protegidas, gerida pelo Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade. Com os parques naturais do Litoral Norte, Alvão, Montesinho e Douro Internacional forma o Departamento de Gestão de Áreas Classificadas do Norte.

Ocupa uma área de 69 596 hectares e abrange território de 22 freguesias distribuídas pelos concelhos de Melgaço, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Terras de Bouro e Montalegre. Forma um contínuo com o Parque Natural espanhol Baixa Limia-Serra do Xurés e os dois parques formam o Parque Transfronteiriço Gerês-Xurés.

Em 2008, o PNPG integrou a rede PAN Parks, rede de excelência onde estão incluídas apenas as melhores áreas naturais da Europa (áreas *wilderness*).

Porque foi classificado?

“Ao criar-se o primeiro parque nacional no continente, procura-se possibilitar no meio ambiente da Peneda-Gerês a realização de um planeamento científico a longo prazo, valorizando o homem e os recursos naturais existentes, tendo em vista finalidades educativas, turísticas e científicas.

Numa síntese de ética de proteção, trata-se de possibilitar numa vasta região montanhosa, de cerca de 60 000 ha – quase na totalidade já submetidos ao regime florestal –, a conservação do solo, da água, da flora, da fauna e da paisagem, abrindo-se às vastas possibilidades do turismo, mas mantendo uma rede de reservas ecológicas de alto interesse científico, tanto nacional como internacional” - Estas são as palavras com que, no já distante 8 de Maio de 1971, se justificava no preâmbulo do Decreto-Lei nº 187 a criação do Parque Nacional da Peneda-Gerês.

Legislação

O Parque Nacional foi criado através do Decreto-Lei nº 187/71 de 8 de Maio, sendo a mais antiga Área Protegida existente em Portugal; o seu Plano de Ordenamento e respetivo regulamento foi aprovado em 2011, pela Resolução do Conselho de Ministros nº 11-A/2011 de 4 de Fevereiro.

É também...

- **Zona de Proteção Especial para Aves** (PTZPE0002 Serra do Gerês), ao abrigo da Diretiva Aves; Decreto-Lei nº 384-B/99 de 23 de Setembro
- Sítio da **Rede Natura 2000** (PTCON0001 Peneda/Gerês), ao abrigo da Diretiva Habitats; Resolução do Conselho de Ministros nº 142/97 de 28 de Agosto.
- **Área Importante para Aves** (IBA Peneda Gerês, do inglês *Important Bird Areas*)
- As matas de Palheiros e Albergaria constituem uma **Reserva Biogenética** (PT93003 Palheiros/Albergaria) incluída na rede criada pelo Conselho da Europa em 1988.

Quadro físico

O PNPG localiza-se numa região montanhosa acidentada, com cotas geralmente acima dos 700 m, ultrapassando os 1500 m em Nevosa (Serra do Gerês). O predomínio das rochas graníticas confere às serras um relevo vigoroso e um carácter desnudado assumindo as mais diversas formas: penhas, pias, blocos, bolas graníticas.

No extremo NE do planalto de Castro Laboreiro e entre Lindoso e São Bento do Cando afloram xistos, metagrauvaques e quartzitos. Outro aspeto geológico importante prende-se com a presença de formas glaciárias (vales em U, moreias, circos glaciários, rochas aborregadas) que testemunham importantes variações climáticas ocorridas no passado.

Atualmente, a riqueza química das águas minerais permite o seu uso para fins medicinais e como água de mesa. Vales e corgas albergam uma densa rede hidrográfica (parte das bacias dos rios Minho, Lima e Cávado) alimentada por chuvas abundantes e regulares. Em termos climáticos, esta área sofre a influência atlântica, mediterrânica e continental apresentando variações consoante nos deslocamos quer para o interior ou em altitude.

Alguns aspetos do quadro físico...

o contraste entre o relevo vigoroso e desnudado do granito do Gerês e outros tipos de granito

No decurso da orogenia varísca ou hercínica instalaram-se as rochas graníticas. As mais antigas, datando de há pouco mais de 300 Ma, afloram nas serras do Soajo e Amarela, no planalto de Castro Laboreiro e no extremo oriental da serra do Gerês. Os granitos recentes (290 Ma) afloram nas serras da Peneda e do Gerês conferindo-lhes um relevo mais vigoroso.

a falha do Gerês

A falha geológica do Gerês-Lovios (Espanha) está relacionada com tensões tardi-hercínicas que levaram a uma fracturação tardia, que cortou e deslocou os granitos da região. Tem uma direcção NNE-SSW e é responsável pela deslocação dos vales dos rios Cávado e Homem e pelas nascentes termais da Vila do Gerês e do Rio Caldo (Espanha).

vestígios glaciares

No Quaternário ocorreram importantes variações climáticas. As glaciações que então ocorreram atingiram as latitudes médias deixando marcas evidentes nas serras da Peneda e do Gerês: o típico vale de perfil em U e moreias laterais evidenciam a ação de antigos glaciares.

Habitats, flora e vegetação

Dentre os habitats mais característicos do Parque Nacional da Peneda-Gerês destacam-se o carvalhal, os bosques ripícolas, as turfeiras e matos húmidos e os matos secos (piornais, urzais, carquejais, tojais e giestais) que ocupam uma extensa parte deste território. Para a biodiversidade e para a riqueza paisagística do PNPG contribuem também os habitats seminaturais, como os pinhais de pinheiro-silvestre, os lameiros e os prados de montanha. Aqui a vegetação é também natural mas foi já manuseada pelo Homem.

Pela sua situação geográfica, o PNPG sofre influência dos climas atlântico, mediterrâneo e continental o que permite o aparecimento de plantas adaptadas às mais diversas condições climáticas. Caracteriza-se assim por uma enorme diversidade botânica, possuindo várias espécies endémicas e outras de elevado valor para a conservação da natureza. É o caso do feto-do-Gerês (*Woodwardia radicans*) e do narciso-de-trombeta (*Narcissus pseudonarcissus* subsp. *nobilis*) associados a bosques; do lírio-do-Gerês (*Iris boissieri*) e das armérias (ex. *Armeria humilis* subsp. *humilis*) associados a matos secos; e da orvalhinha (*Drosera rotundifolia*) e das bolas-de-algodão (*Eriophorum angustifolium*) associadas a zonas húmidas.

Alguns aspetos da flora:

o carvalhal

O carvalhal é uma floresta mista, estratificada, dominada pelo carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) e pelo carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), variando as espécies dos diferentes estratos consoante a ecologia da região. Nas zonas de influência atlântica, de clima mais ameno e chuvoso, domina o carvalho-alvarinho em associação com a bétula (*Betula alba*), castanheiro (*Castanea sativa*) e cerejeira-brava (*Prunus avium*). À medida que a altitude ou a interioridade imprimem ao clima um maior grau de continentalidade, com invernos mais rigorosos e estios mais quentes e secos, o carvalho-alvarinho vai

sendo substituído pelo carvalho-negral. Menos frequente e limitado às vertentes mais abrigadas e ensolaradas, surge o sobreiro (*Quercus suber*).

o lírio do *Gerês*

O lírio-do-Gerês, um endemismo ibérico, é uma planta bolbosa que surge em solos pobres pedregosos e em fendas de rochas sendo mais comum nos matos de altitude da Serra do Gerês. As suas atrativas flores violáceas, contrastando com o agreste do habitat, levam à colheita indiscriminada da planta ameaçando a sobrevivência da espécie.

o azevinho *Ilex aquifolium*

É uma espécie dioica, de crescimento lento, que surge nos carvalhais, ocupando o estrato arbustivo. No PNPG constitui floresta única a nível nacional. No Inverno, o azevinho serve de refúgio a algumas aves, corço e javali e os seus frutos, tóxicos para o homem, são alimento para os animais. O azevinho encontra-se em regressão devido à redução do seu habitat, provocada pela desflorestação, fogo e uso como adorno natalício.

o teixo *Taxus baccata*

O teixo é uma espécie rara em Portugal. Surge junto das linhas de água de altitude, normalmente em regiões acima dos 700 metros. Em Portugal, é na Serra do Gerês que se encontra a maioria dos bosques de teixo. Todas as partes verdes da planta possuem uma substância tóxica (a taxina), perigosa para homens e animais, mas que tem sido utilizada na luta contra alguns tipos de cancro. O corte para aproveitamento da madeira e raízes e mais recentemente os fogos florestais são a principal causa do seu desaparecimento.

Fauna

Pela associação de uma notável riqueza florística com uma fisiografia singular, o PNPG possui uma grande diversidade faunística. Dos invertebrados destacam-se, pelo seu estatuto de conservação, 2 espécies de borboletas (*Euphydryas aurinia* e *Callimorpha quadripunctata*), 2 escaravelhos (*Lucanus cervus* e *Cerambyx cerdo*) e uma lesma (*Geomalacus maculosus*).

Existem mais de duas centenas de vertebrados, sendo que 53 pertencem à lista de espécies ameaçadas do Livro Vermelho de Vertebrados de Portugal.

Nos cursos de água encontram-se 7 espécies de peixes, destacando-se a truta-de-rio (*Salmo trutta*), como a mais característica, e a enguia (*Anguilla anguilla*) pelo seu estatuto de conservação. Entre outras

espécies associadas aos cursos de água destaca-se a toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*), a lontra (*Lutra lutra*), o melro-de-água (*Cinclus cinclus*), o lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*), a rã-ibérica (*Rana iberica*) e a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*).

Estão identificadas cerca de 161 espécies de aves, muitas das quais migradoras. Salientam-se pelo seu estatuto de conservação ou pela reduzida área de distribuição em Portugal a gralha-de-bico-vermelho (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*), o bufo-real (*Bubo bubo*), o falcão-abelheiro (*Pernis apivorus*), o tartaranhão-cinzento (*Circus cyaneus*), o cartaxo-nortenho (*Saxicola rubetra*) e a narceja (*Gallinago gallinago*).

Conhecem-se 17 espécies de morcegos no PNPG, dos quais 5 têm estatuto de ameaça.

Salienta-se ainda a ocorrência de espécies com particular importância, como a víbora-cornuda (*Vipera latastei*), a víbora-de-Seoane (*Vipera seoanei*), a marta (*Martes martes*), o gato-bravo (*Felis silvestris*) e o lobo-ibérico (*Canis lupus*), espécie estritamente protegida pela Convenção de Berna, Diretiva Habitats e Lei 90/88.

Nas escarpas das serras Amarela e Gerês encontramos a cabra-montesa (*Capra pyrenaica*), vinda de Espanha. Não é, porém, a cabra que habitou o Gerês até ao final do século XIX. Essa subespécie (*C.p. lusitanica*) desapareceu, em 1860, data em que foi capturado o último exemplar, que viria a morrer pouco tempo depois.

Algumas espécies faunísticas...

o lobo-ibérico

O PNPG constitui um dos últimos refúgios deste predador e a sua distribuição tem-se mantido constante no decorrer dos últimos anos. Esta espécie está classificada como “em perigo” e uma das principais ameaças à sua conservação é a perseguição humana (venenos e laços).

a salamandra-lusitanica

Endemismo ibérico, estritamente associada a ambientes de extrema humidade, tem populações abundantes no território do PNPG.

o cartaxo-nortenho

A população de cartaxo-nortenho em Portugal é muito reduzida e é no Parque Nacional que esta população é mais expressiva. É aqui, nos planaltos de Castro Laboreiro e da Mourela, que o cartaxo-nortenho nidifica. Para além do Parque Nacional, durante a época de reprodução esta espécie só se encontra no Parque Natural de Montesinho, embora com uma população muito mais reduzida.

a víbora-de-Seoane

A víbora-de-Seoane surge normalmente em zonas de maior altitude, em planaltos e lameiros, com matos abundantes, evitando zonas muito rochosas. A sua área de distribuição é muito restrita no PNPG (planaltos de Castro Laboreiro e Mourela), embora seja relativamente abundante nos locais onde ocorre.

Uma paisagem humanizada

No fundo dos vales, o espaço agrícola retalhado, ora verdejante, ora acastanhado, reflete o ritmo das culturas ao longo do ano; subindo as encostas, surgem as bouças e matos que asseguram a lenha, bem como o pasto e o material para a cama do gado; nas zonas mais altas encontram-se as grandes extensões destinadas ao pastoreio extensivo.

Os núcleos populacionais surgem associados às áreas mais aplanadas, com boa exposição solar e próximos das linhas de água. Para além disso, as construções erguem-se sobre os afloramentos rochosos, libertando os solos mais férteis para a atividade agrícola. O enriquecimento da paisagem com formas construtivas estendeu-se através dos muros, levadas, calçadas, pontões, espigueiros, fojos, moinhos, abrigos de pastor ou alminhas... Hoje, somam-se à paisagem milenar grandes planos de água das albufeiras ou elementos lineares como novas estradas; uma vez mais, a paisagem constrói-se, não só através da ocorrência de fenómenos naturais, mas também da forma como o homem a transforma e continuará a transformar.

A agropecuária domina em quase todo o território do Parque: uma agricultura de minifúndio complementa-se com a pastorícia, em que raças autóctones – a barrosã e cachena nos bovinos, a bravia nos caprinos e a bordaleira nos ovinos – são ainda uma importante fonte de rendimento. A apicultura e o fabrico de fumeiro são outros exemplos de atividades tradicionais ainda importantes. Os sectores secundário e terciário empregam, no entanto, cada vez mais gente, pelo que para muitas famílias a agricultura já não é a única ou principal fonte de rendimento.

O território do PNPG é objeto de ocupação desde a pré-história, facto atestado, entre outros vestígios, pelas antas – planalto de Castro Laboreiro, portela do Mezio, chãs da Serra Amarela ou altos da Mourela – pelo santuário rupestre de Gião ou pela estátua-menir da Ermida e, na Idade do Ferro, pelos castros de Outeiro, Parada, Ermida ou Tourém. A romanização, a partir de 138 a.C., é-nos recordada por vestígios vários, o mais relevante dos quais é certamente a Geira Romana, a Via 18 do Itinerário de Antonino. A época medieval revela-se no território através de mosteiros como o de Santa Maria de Pitões das Júnias, castelos como os de Castro Laboreiro, Lindoso ou Montalegre e por povoados medievais abandonados como Pomba, na Gavieira, e S. Vicente do Gerês, na mata do Beredo.

Itinerário automóvel – uma sugestão

- ✓ Tipo de percurso: histórico/cultural/panorâmico
- ✓ Ponto de partida e de chegada: Ponte da Barca
- ✓ Percurso: Ponte da Barca, S. Miguel de Entre Ambos-os-Rios, Lindoso, Soajo, Gavieira, Lamas de Mouro, Castro Laboreiro, Ameijoeira, Entrimo (Espanha), Ponte da Barca.
- ✓ Extensão aproximada: 170 Km
- ✓ Duração aproximada: 1 dia
- ✓ Apoios de restauração e de alojamento: existem nas principais localidades a visitar, designadamente no Lindoso, Soajo e Castro de Laboreiro.

Descrição:

Lindoso – Castelo: Relacionado com a defesa da portela da Serra Amarela e Vale de Cabril, o Castelo de Lindoso, fundado nos inícios do séc. XIII, foi mandado restaurar por D. Dinis e, a partir do séc. XIV, confundirá a sua história com a dos Araújo de Lobios, família que conservou por muitos anos a sua alcaidaria. Foi ocupado pelos espanhóis na sequência das guerras da Restauração e recuperado pelos portugueses em 1664. A fortificação permaneceu ocupada por guarnições militares ao longo do séc. XVIII, até que em 1895 foi desativada.

Soajo – Pelourinho: Símbolo de que outrora o Soajo foi sede de concelho, o pelourinho apresenta como originalidades uma carranca antropomórfica em alto-relevo e uma laje triangular no topo, que se supõe representar um pão na ponta de uma lança. Este pormenor estará relacionado com o facto de no século XIII os povoadores de Soajo terem, pela situação fronteiriça que ocupavam, a obrigação de defender a portela do Galo. D. Dinis ter-lhes-á então concedido privilégios locais, estabelecendo que nenhum fidalgo poderia demorar-se no Soajo mais do que o tempo suficiente para esfriar um pão quente espetado numa lança.

Tibo – Miradouro: Do miradouro de Tibo tem-se uma panorâmica sobre o vale do Rio da Peneda, podendo-se observar quer o seu perfil em U, típico dos vales glaciários, quer o traçado retilíneo dos vales de fratura. Distingue-se também na lonjura da Peneda algumas brandas de cultivo e, mais para norte, o Santuário da Senhora da Peneda e a Portela do Lagarto.

Senhora da Peneda – Santuário: O orago litúrgico do Santuário da Senhora da Peneda é a Senhora das Neves, referência ao rigoroso clima local. O santuário inspira-se, na sua arquitetura, no conhecido

santuário de Bom Jesus do Monte (Braga), mas a sua originalidade advém da adaptação do assentamento das suas estruturas construídas ao território e sua morfologia. O pormenor mais curioso deste enquadramento na paisagem é porventura a ocupação de recôncavo do afloramento granítico, conhecido por Penedo da Meadinha, pelos edifícios anexos à igreja.

Castro Laboreiro – Castelo: Aparentemente implantado sobre as ruínas de uma anterior ocupação castreja, não se conhece a data da fundação original do Castelo de Castro Laboreiro, supondo-se ter sido construído em tempos do Conde Hermenegildo, a quem Afonso III de Leão teria doado terras do Lima. Episodicamente terá caído em poder dos mouros, D. Afonso Henriques reconquista-o em 1140, restaurando-o e mandando-o cercar por muralhas, que hoje podemos visitar, fazendo um curto percurso a pé.